

“Enquanto eu viver, enquanto eu respirar”: os registros orais de Hassis, investigando um arquivo autobiográfico

Viviane Trindade Borges*

Com a história cultural os acervos privados deixaram de ser entendidos como excepcionais, cujas fontes permitiriam que o historiador observasse pelo buraco da fechadura à procura de fragmentos da vida privada, apimentando narrativas mais duras. Os arquivos pessoais passaram a ser entendidos como espaços que, assim como tantos outros, abrigam vestígios do passado que devem ser preservados por seu valor histórico. Essa mudança de sensibilidade permitiu a proliferação de diferentes acervos, possibilitando que os rastros de si deixados pelo homem ordinário fossem valorizados e preservados por diferentes instituições, como arquivos e centros de documentação.

Conforme Prochasson (1998, p. 107), os tipos documentais que englobam os arquivos pessoais são variados, envolvendo “correspondências, diários íntimos, cadernetas e agendas, dossiês de trabalho e dossiês de imprensa, notas de toda espécie etc.” No caso do arquivo pessoal aqui analisado, outros registros podem ser incorporados a essa descrição, tais como pinturas, desenhos, fotografias, filmes e registros sonoros. Refiro-me ao acervo da Fundação Hassis, instituição criada em Florianópolis para proteger o acervo do artista Hiedy Assis Corrêa, o Hassis.

Nascido em 1926, em Curitiba, Hassis tinha 2 anos de idade em 1928, quando se mudou com sua família para a capital catarinense. Foi um artista atuante e multifacetado. Participou do Grupo Sul, movimento artístico

* Professora adjunta do Departamento de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc).

e literário surgido em Florianópolis entre as décadas de 1940 e 1950, foi membro fundador do Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis (GAPF), participando do primeiro salão promovido pelo grupo, obtendo o primeiro lugar com uma de suas obras mais conhecidas, “Vento sul com chuva”. De 1961 a 1987 suas criações decoraram os principais clubes da capital, como o Clube 12 de Agosto. Em 1968, quando funcionário da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pintou o “Mural humanidade”, uma obra de 160 metros que decora a Capela Santíssima Trindade. É autor do mural “Contestado – terra contestada”, que hoje se encontra no Museu do Contestado, em Caçador (SC); do mural do Aeroporto Hercílio Luz, retratando as rendeiras e pescadores; do mural da agência central do Banco do Brasil, também ligado à temática da Ilha; e do mural do mesmo banco na cidade do Porto, em Portugal, registrando um panorama da cultura brasileira. Hassis participou de inúmeras exposições individuais e coletivas ao longo de sua vida, e algumas de suas obras fazem parte dos acervos do Museu de Arte de Santa Catarina (Masc) de Florianópolis, do Museu de Arte Contemporânea (MAC) de Curitiba, além de figurarem em coleções particulares espalhadas pelo Brasil e exterior.

Ao longo de sua vida Hassis guardou registros diversos ligados à sua vida pessoal e à sua atuação como artista nos espaços culturais da Ilha de Santa Catarina. Ao pensar o lugar configurado pelo personagem cabe por um momento empreender um exercício de imaginação:

Imaginemos por um instante um lugar onde tivéssemos conservado todos os arquivos das nossas vidas, um local onde estivessem reunidos os rascunhos, os antetextos das nossas existências. Encontraríamos aí passagens de avião, tíquetes de metrô, listas de tarefas, notas de lavanderia, contracheques; encontraríamos também velhas fotos amareladas. (Artières, 1998, p. 9).

A Fundação Hassis, criada em 2001, no ano da morte do artista, se aproxima desse lugar imaginado por Artières. A obsessão por registrar e guardar a própria vida parece ter guiado o artista que, ao longo de quase 60 anos de trabalho artístico preocupou-se em guardar aquilo que registrava através da pintura, desenhos, filmes e fotografias, bem como reportagens de jornal ligadas à arte em Santa Catarina e no Brasil. Em seus guardados, cabe destacar o acervo pictórico, composto por cerca de 600 obras, o acervo documental, com aproximadamente 7000 documentos e o acervo fotográfico, com cerca

de 8000 fotografias e mil *slides*.¹ As obras em papel e as telas, que somam mais de 2000, não se encontram adequadamente acondicionadas e aguardam pela aprovação de projetos que visam justamente à contratação de profissionais e estagiários que realizarão a conservação e catalogação desse material.

O objetivo da instituição, criada por iniciativa das filhas do artista, é atuar através de várias atividades como museu e arquivo, além de propor oficinas e atividades de difusão cultural, como seminários e exposições, realizando “uma proposta de atuação que virá a ser colocada como uma instituição cultural produtiva e respeitada no Estado de Santa Catarina e no País”, tendo como “finalidade a salvaguarda, preservação, conservação e divulgação das obras de Hassis” (Fundação Hassis, [s.d.]).

O acervo da Fundação Hassis é também campo de atuação dos alunos da disciplina Prática Curricular Patrimônio Cultural, desenvolvida no âmbito da graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). A disciplina, ministrada desde 2006, desdobra-se em dois módulos (“Patrimônio Cultural I”, no primeiro semestre de cada ano, e “Patrimônio Cultural II”, no segundo), e objetiva problematizar as relações entre história e patrimônio cultural, instigando a reflexão acerca dos processos de constituição dos chamados “lugares de memória” e refletindo sobre o papel dos historiadores nesses espaços e sobre o registro das experiências sociais ligadas à construção da memória. Por se tratar de uma “prática curricular”, a disciplina envolve a atuação dos alunos em instituições custodiadoras de acervo ou vinculadas mais amplamente à área de preservação do patrimônio cultural, concebendo e desenvolvendo projetos. A diversidade do acervo deixado por Hassis possibilita aos alunos o contato com diferentes suportes, propondo intervenções no sentido de preservá-los. Este ano, um grupo propôs um projeto que dará continuidade ao trabalho de digitalização e decupagem das fitas VHS, iniciado no ano anterior por alunos da mesma disciplina, além de atuar também na higienização, digitalização e acondicionando de uma série de *slides* ligados à temática de Florianópolis.

O projeto de pesquisa “Um acervo autobiográfico: preservação, patrimonialização e memória na Fundação Hassis” surge da necessidade de contribuir para a preservação desse importante acervo, partindo da hipótese de que

1 De acordo com a Fundação Hassis, as fotografias estão sendo restauradas e a catalogação ainda não está completa. Os *slides* (922 diapositivos) estão sendo higienizados e digitalizados, constituindo uma das preocupações do projeto “Um acervo autobiográfico: preservação, patrimonialização e memória na Fundação Hassis”, e de alunos das disciplinas Prática Curricular Patrimônio Cultural I e II, da Udesc.

a documentação acumulada por Hassis ao longo de sua existência serve como base arquivística fundamental para problematizar o processo autobiográfico do artista. Sob essa perspectiva, o referido espaço não será pensado como um dossiê completo de sua experiência, "no qual se encontrariam a um só tempo o produto final, sua posteridade e ainda as diferentes etapas que conduziram até ele" (Prochasson, 1998, p. 107), mas como uma possibilidade para se problematizar o sentido dado pelo artista à sua vida, parecendo buscar uma unicidade ilusória em meio à sua existência.

O trabalho de arquivista realizado por Hassis facilita o acesso do pesquisador às fontes por ele deixadas, sendo difícil encontrar algum trabalho ou documento recolhido e arquivado pelo artista que não esteja ao menos devidamente datado e assinado. Todo esse material encontra-se depositado na Fundação Hassis, que funciona nas dependências da casa habitada pelo artista entre 1969 e 2001, no bairro Itaguaçu, em Florianópolis, compondo um acervo de fundamental importância para história da arte na capital catarinense.

A Fundação Hassis abriga e preserva aquilo que foi deixado intencionalmente por seu titular, não tendo como compromisso obedecer à organicidade por este imputada cuidadosamente para compor sua autobiografia. Dessa forma, a instituição não pode ser tomada sob a perspectiva exata de um arquivo pessoal, pois ainda que abrigue tudo o que foi acumulado por Hassis ao longo de sua existência, não objetiva manter a organicidade exata por ele deixada, mas sim preservar, organizar e difundir o acervo. Assim, as intenções e sentidos emprestados pelo personagem à organização de seu acervo já não existem mais. Conforme Fraiz (1998, p. 62-63):

Uma característica essencial dos arquivos pessoais reside na preponderância do valor informativo de seus documentos, isto é, seu valor de uso para fins históricos. O valor de prova legal, característica essencial dos documentos públicos, perde esse sentido estrito para os papéis privados. Mas se alargarmos esse conceito, também podemos dizer que, na organicidade de um arquivo pessoal, na maneira como os documentos foram organizados e mantidos em seu local de origem, é que reside seu valor de prova. Essa maneira atesta, por exemplo, as intenções e os sentidos emprestados pelo titular do arquivo relativos ao uso dos documentos acumulados.

As escolhas relativas à organização realizadas pela Fundação Hassis foram pensadas para facilitar a recuperação das informações e preservar as obras, principalmente os desenhos, pinturas e fotografias. Um exemplo nesse

sentido são as fotografias mais antigas, registros datados entre as décadas de 1950 e 1970, que se encontravam organizadas por Hassis em diferentes álbuns e que por exigência do processo de restauração, estão sendo separadas, retiradas da ordem original estabelecida pelo artista.

Contudo, em algumas das diferentes parcelas do acervo destacadas pela instituição, ainda é possível perceber os sentidos e intenções do artista, como no caso dos *slides*, separados em 11 estojos, divididos pelo personagem da seguinte forma: “Família”, “Viagem”, “Florianópolis anos 60 e 70” e “Construção da casa anos 70 e 80”. Além disso, muitos outros guardados deixados por Hassis ainda estão sendo revelados, ampliando as possibilidades de pesquisa sobre o artista. Cabe mencionar que a Fundação Hassis está repensando o espaço da reserva técnica, o que leva a equipe a “vasculhar” todos os espaços da casa. Nesse sentido, enquanto este artigo era escrito, foi encontrada no sótão da “casa de Hassis” uma série de desenhos e, em meio à diversidade de materiais acumulada na reserva técnica, foi localizada uma pasta contendo cerca de 200 *slides*, fontes até então desconhecidas.

A necessidade de reter o passado revelada pelos guardados de Hassis pode ser entendida como parte da construção de sua subjetividade. Ele pouco escreveu, não deixou nenhuma carta ou diário, ao menos nada foi encontrado até o momento, mas empreendeu um trabalho autobiográfico através da construção de seu acervo, selecionado e acumulado ao longo de 60 anos de trabalho artístico. Nesse processo, ele não só escolheu determinados acontecimentos, como os ordenou numa narrativa, delineando o sentido que desejava perpetuar, um processo em que a guarda atua na solidificação de determinada imagem a seu respeito (Artières, 1998, p. 11).

Conforme Fraiz (1998, p. 69), “um arquivo implica não só a produção de discursos de seu titular, como também a acumulação de discursos de outros”. Em seu processo de guarda e registro de si, Hassis também se utilizou de outros discursos, acumulando inúmeras reportagens, registros em vídeo e registros orais de outros artistas, buscando construir um sentido à sua existência através desse movimento que envolve acumular o que considerava importante não apenas a respeito de si mesmo, mas também a respeito daqueles que admirava, sendo possível encontrar em seu acervo reportagens sobre eventos culturais na Ilha, além de uma coleção de convites e catálogos de exposições de artistas catarinenses desde a década de 1960, revelando os ambientes e modos de veiculação da arte no estado.

Dessa forma, o acervo composto por Hassis é aqui entendido como parte de seu processo autobiográfico, constituindo uma prática de produção

de si, instituindo determinada memória “realizada pelo recolhimento de objetos materiais, com ou sem a intenção de resultar em coleções. É o caso das fotografias, dos cartões-postais e de uma série de objetos do cotidiano, que passam a povoar e a transformar o espaço privado da casa, do escritório etc. em um ‘teatro da memória.’” (Gomes, 2004, p. 11).

O arquivo de fontes orais da Fundação Hassis

A memória, sintoma da relação que determinada sociedade estabelece com seu passado, demonstra em alguns indivíduos uma vontade de agir sobre ele, de forma a tentar retê-lo. Foi o contexto dessa mudança de relação com o passado que possibilitou que os guardados de Hassis fossem instituídos como lugar de memória, autorizando a criação da instituição que carrega seu nome. Nesse trabalho empreendido pelo tempo e pela vontade dos homens (Enders, 1993, p. 2), o acervo de Hassis foi constituído como elemento simbólico do patrimônio e da memória de Florianópolis, abrigado por uma instituição cuja função é alicerçar o personagem à determinada memória coletiva (Halbwachs, 2004, p. 75-76), ligando-o aos espaços por ele registrados.

Dentro de uma instituição com um acervo tão variado, 31 fitas cassete acabaram esquecidas. O suporte já obsoleto acabou dificultando o acesso às informações, ninguém conhecia o conteúdo das fitas, apenas acreditava-se que eram entrevistas. O material guarda a fala de Hassis, registrada por jornalistas e pesquisadores nas décadas de 1980 e 1990, além de registros de outros artistas ligados ao Grupo Sul e GAPF. O material está sendo digitalizado e transcrito,² possibilitando a criação de um arquivo de fontes orais junto à Fundação Hassis, contribuindo de forma significativa para pesquisas ligadas à história da arte em Santa Catarina, além de atuar na preservação desse importante acervo.

Em um desses registros, uma entrevista realizada em 23 de novembro de 1996,³ Hassis fala de sua missão:

2 O projeto conta com uma bolsista de iniciação científica, Karla Schutz, acadêmica do curso de história da Udesc.

3 Uma das intenções do projeto é tentar identificar os objetivos da entrevista e quem foi o entrevistador, visto que Hassis informa no início de cada fita a data, o local, mas apenas suas anotações na capa do suporte remetem ao entrevistador, muitas vezes somente com o primeiro nome.

Jornalista – E a tua missão? Ela tá cumprida ou ela tá se cumprindo ainda?
Hassis – Não... ela tá se cumprindo, enquanto eu viver, enquanto eu respirar...

Enquanto viveu, enquanto respirou, Hassis dedicou-se à sua “missão”, ou seja, o registro e arquivamento de sua vida e de sua arte, um processo autobiográfico, engendrado por um desejo de memória, uma preocupação de registrar e guardar informações sobre os lugares, os personagens, as artes e o patrimônio cultural de Florianópolis. Contudo, por mais que se intencione e se atreva a pensar que a casa de Itaguaçu guarda tudo aquilo que foi deixado pelo artista, parte do acervo ainda está intocada e, conforme colocado, a cada incursão mais profunda pelo lugar ainda é possível encontrar fontes inéditas deixadas por seu antigo morador. Além disso, parte do acervo não se encontra disponível à consulta devido à dificuldade de acesso à seu conteúdo, registrado em suportes já obsoletos, como é o caso dos diapositivos, fitas VHS, bem como das fitas cassete.

As entrevistas estão sendo digitalizadas através de equipamento específico disponível no Laboratório de Imagem e Som da Udesc, e gravadas em mídia digital para serem transcritas, visando uma futura disponibilização em suporte digital e papel pela Fundação Hassis. Acredita-se que a disponibilização das entrevistas ampliará os horizontes de pesquisas ligadas à arte e ao patrimônio cultural ilhéu, além de trazer à tona dados biográficos sobre o artista.

Neste trabalho inicial com os depoimentos foi possível perceber que as falas de Hassis entrelaçavam vida e obra, sendo possível pensá-las como depoimentos de história de vida, ainda que não tenham sido construídas sob a perspectiva metodológica da história oral, permitindo que “ao longo da narrativa da trajetória de vida” (Alberti, 2004, p. 38) empreendida pelo personagem outros temas relevantes para diferentes pesquisas sejam aprofundados como, por exemplo, a arte contemporânea e seus espaços em Florianópolis.

Conforme pôde ser apreendido até o momento, trata-se de depoimentos realizados para fins jornalísticos ou de pesquisa, e por essa razão optou-se por pensar tais falas como fontes orais, sob a perspectiva trazida pelos estudos ligados à história do tempo presente, procurando banalizar o procedimento. Conforme Frank (1999, p. 105),

a tendência hoje é preferir a expressão “fontes orais”, que tem a vantagem de banalizar o procedimento: todo historiador do muito contemporâneo tem

naturalmente, sem fazer muito alarde, o recurso às testemunhas orais, que ele registra em fitas magnéticas.

Portanto, a expressão “fonte oral” refere-se exatamente a esse material, que se distingue, por seu suporte, da fonte escrita, sendo um dos intuitos da pesquisa aqui enunciada a criação do que se pode caracterizar como um arquivo oral, ou seja, fontes confiadas a um organismo público (físico ou jurídico), no caso, a Fundação Hassis, e que poderão ser consultadas (Voldman, 2002, p. 248). Mais do que fontes para a pesquisa, a fonte oral “é privilégio do historiador do presente” (Frank, 1999, p. 107), constituindo elemento primordial para a problematização da memória, auxiliando para pensar os limites e possibilidades de tais suportes para o estudo da história do tempo presente, contribuindo para novas investigações.

O fato de ter guardado as fitas cassete indica o desejo de Hassis de preservar tais registros, ainda que as gravações tenham sido motivadas por outros interesses, que por vezes distam do registro memorial. Conforme colocado anteriormente, o material é resultado de entrevistas realizadas por jornalistas e pesquisadores nas décadas de 1980 e 1990, além de registros de outros artistas ligados ao Grupo Sul e GAPF. Trazer à luz as falas guardadas por Hassis evidencia seu esforço de apreender o passado, enunciando sua invenção autobiográfica, juntando, acumulando, guardando tudo o que considerasse importante a seu respeito.

A preocupação do personagem de guardar, preservando determinada memória sobre si e sobre a arte catarinense, caracteriza-se como um desejo de memória,⁴ uma tentativa de “parar o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para apreender o máximo de sentidos num mínimo de sinais” (Nora, 1993, p. 22). O desejo de guardar, de arquivar nossas vidas está imbricado à nossa sociedade, tornado-se algo onipresente na vida diária, no espaço social, e mesmo familiar, que solicita que nos entreguemos, em algum momento de nossa existência, a esse exercício (Artières, 1998, p. 11).

4 Conforme Nora (1993, p.32), “o dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo”. Nessa tentativa de parar o trabalho do esquecimento, cada sujeito passa a ter a obrigação de se recordar, de apreender e fixar determinado passado referente a seu grupo. No que se refere a Hassis, é possível pensar em um desejo de memória, uma obsessão em guardar aquilo que considerava importante para reter e moldar determinada memória a respeito de si, tornando-se historiador de si mesmo.

A digitalização das entrevistas e sua disponibilização à pesquisa permitem ainda uma melhor compreensão do processo arquivístico empreendido por Hassis. Dessa forma, as fontes orais atuam como instrumentos para pensar o próprio acervo, possibilitando problematizar a maneira como seu titular disponibilizou inicialmente tais registros. Em um dos depoimentos já digitalizado e transcrito, o personagem mostra a organização do acervo à entrevistadora, a qual demonstra admiração e perplexidade: “O teu trabalho tá todo arquivado? Meu Deus!” Segundo o entrevistado, o esforço arquivístico que parece ter sensibilizado a entrevistadora era o resultado do “trabalho de toda uma vida. A minha biblioteca, a minha universidade de arte tá aqui, ó. A gente tem que aprender, estou aprendendo ainda.”

A lógica de Hassis de produzir e guardar registros de si certamente não atendia a um projeto de escrever suas memórias, aliás, seu acervo não possuiu muitas anotações escritas, apenas indicadores de sua organização arquivística, como legenda de fotografias e *slides*, que possibilitam saber o ano e, em alguns casos, o local registrado, além de referências nos recortes de jornais e nas fitas VHS, indicando seu conteúdo. A lógica do arquivamento de si operado por Hassis parece sim responder a um projeto autobiográfico, mas com a intenção de que isso fosse um trabalho posterior, resultado do reconhecimento de seu trabalho artístico por pesquisadores em um momento futuro:

Hassis – A minha missão? É isso, deixar alguma coisa aí. Por que eu acho o seguinte, que missão um indivíduo tem? É viver! Vamos viver! Minha missão é viver, vamos viver e fazer alguma coisa, então dentro dessa linha... agora minha missão é a seguinte, eu quero que daqui a 50 anos apareça um chato aí e diga assim: “Quem é esse cara que pintava com o nome de Hassis?”, vai vasculhando e pense que o que eu fiz valeu alguma coisa ou não valeu... isso é tempo quem vai dizer. Nós estamos num fim de século, e nesse fim de século nós estamos numa grande peneira, quem fica e quem não fica, tá me entendendo? [inaudível] No fundo eu estou fazendo um trabalho sério, estudando, desenvolvendo, pesquisando, organizando a coisa, deixando uma memória minha pra... do que eu fiz, que é para alguém no futuro seguir a coisa.

É possível problematizar a maneira como Hassis constituía a si mesmo, imputando sentido, dando coerência e solidificando determinada imagem que desejava perpetuar. Mais que isso, tais fontes atuam na preservação e

na organização desse importante acervo, permitindo pensar na organização estabelecida por seu originário, no sentido dado por ele a esse material acumulado durante sua existência. Além disso, o acesso às entrevistas, até então silenciadas pela impossibilidade de escuta, permitirá aos pesquisadores o trabalho com fontes inéditas para pensar a arte em Florianópolis.

Os depoimentos de Hassis permitem problematizar o caráter intencional da criação de seu arquivo autobiográfico, evidenciando sua clara intenção de torná-lo público, aberto àqueles que se interessassem por seu trabalho. O personagem trabalhava na organização, na construção de determinada memória a respeito de si e de seu trabalho, para que este servisse de exemplo, para que fosse seguido, pesquisado por alguém no futuro. Ele já percebia sua importância para a arte catarinense; seguindo a mesma entrevista, Hassis coloca:

Eu nunca esperei, por exemplo, quando eu comecei a pintar nos anos 50 e 40, que em pleno anos 96, tivesse aqui na minha casa você, quanto o pessoal do DC [jornal *Diário Catarinense*] para tirar uma fotografia daquele quadro ali do “Bar do Tino”, para entrar na matéria do Desterro, pintura minha da época. Quer dizer, então eu acho que já... já é um trabalho que compensa, né?!

Dessa forma, os registros de si deixados e arquivados por Hassis podem ser entendidos como ilusões de eternidade, sintomas da “obsessão pelo arquivo que marca o contemporâneo e que afeta, ao mesmo tempo, a preservação integral de todo o presente e a preservação integral de todo o passado” (Nora, 1993, p. 13-14). O acervo constituído por Hassis é fruto da democratização da possibilidade de registros da recordação, permitida pela ampliação do acesso a suportes antes não disponíveis ao homem comum, como o registro fotográfico (Gomes, 2004, p. 7) e, aqui cabe acrescentar, o registro sonoro.

O acervo da Fundação Hassis não é somente o ponto de partida da pesquisa proposta, mas constitui-se seu próprio objeto. O trabalho de arquivamento de si operado por Hassis através de diferentes registros e suportes, como as entrevistas arquivadas, possibilita pensar questões ligadas à autobiografia, ao enquadramento e desejo de memória, bem como às escritas de si. Conforme mencionado anteriormente, Hassis não deixou documentos escritos, mas pode-se supor que o personagem operou um trabalho de registro

peçoal através de diferentes suportes. Esses documentos, ainda pouco explorados, permitem pensar os limites e possibilidades oferecidos ao homem ordinário como suportes para contar sua vida.

Dessa forma, a realização desse trabalho permite a construção de um novo olhar sobre uma pequena parte do acervo autobiográfico de Hassis, problematizando a coleção de *slides* e suas entrevistas, salientando a necessidade de futuramente ampliar tal perspectiva, pensando no arquivamento de si operado pelo personagem através da constituição de seu acervo como um todo, bem como problematizando sua patrimonialização através da constituição da Fundação Hassis.⁵

Referências

ABREU, R. Tesouros humanos vivos ou quando as pessoas transformam-se em patrimônio cultural - notas sobre a experiência francesa da distinção do “Mestre de Arte”. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. *Memória e patrimônio*: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 81-96.

ALBERTI, V. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

ENDERS, A. Les lieux de mémoire, dez anos depois. *Estudos Históricos*, v. 6, n. 11, p. 132-137, 1993.

FRAIZ, P. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. *Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, p. 59-88, 1998.

FRANK, R. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, A.; TÉTARD, P. (Org.). *Questões para a história do presente*. Bauru: Edusc, 1999. p. 103-117.

FUNDAÇÃO HASSIS. *Apresentação*. Florianópolis, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.fundacaohassis.org.br/apresentacao/apresentacao.html>>. Acesso em: 30 jun. 2011.

GOMES, A. de C. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

5 Regina Abreu (2003, p. 90) refere-se à possibilidade de “patrimonialização de pessoas”, ao referir-se a experiência francesa dos “Mestres da Arte”.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PROCHASSON, C. Atenção: verdade! Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. *Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, p. 105-120, 1998.

VOLDMAN, D. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 247-266.

Resumo: Hiedy Assis Corrêa, o Hassis, nasceu em Curitiba e mudou-se para Florianópolis ainda criança. Falecido em 2001, o personagem é tido como um dos principais artistas plásticos da Ilha, trabalhando com temas ligados à cultura e ao patrimônio local. Conhecido principalmente por suas pinturas, desenhos e gravuras, Hassis deixou um acervo amplo e diversificado ligado à arte em Santa Catarina. Ao longo de 60 anos de trabalho artístico, o personagem preocupou-se em conservar desenhos, pinturas, fotografias, *slides*, livros, recortes de jornal, fitas cassete e audiovisuais, compondo, através de um trabalho arquivístico, um valioso acervo autobiográfico abrigado desde a sua morte pela Fundação Hassis. O presente artigo é parte de uma pesquisa ainda inicial, ligada ao projeto intitulado “Um acervo autobiográfico: preservação, patrimonialização e memória na Fundação Hassis”, e pretende centrar-se em uma pequena parte dos guardados deixados pelo artista, ou seja, os depoimentos orais.

Palavras-chave: fontes orais, acervo, patrimônio cultural, memória, biografia.

While I live, while I breathe: the oral records of Hassis, investigating a file autobiographical

Summary: Hiedy Assis Correa, the Hassis, was born in Curitiba (PR), moving to Florianopolis (SC) as a child. Died 2001, the character is regarded as one of the leading artists of the island, working with topics related to culture and local heritage. Known primarily for his paintings, drawings and prints, Hassis has left a large and diverse collection linked to art in Santa Catarina. Over 60 years of artistic work, Hassis was concerned to save drawings, paintings, photographs, slides, books, newspaper clippings, K7 tapes and audiovisual, composing, through an archival work, a valuable collection housed from the autobiographical Hassis his death by the Foundation. This article is part of a very early research, linked to the project entitled “An autobiographical collection, preservation, and memory in patrimonialization Hassis Foundation”, and intends to focus on a small portion of the stored left by the artist, that is, statements oral.

Keywords: oral sources, collection, cultural heritage, memory, biography.

Recebido em 02/12/2011

Aprovado em 23/01/2012